



**Associativismo, qualidade alimentar e autonomia econômica: a produção comunitária de hortaliças orgânicas cultivadas por um grupo de mulheres no Assentamento de Reforma Agrária Baeté – Barreiros - PE.**

Associativism, food quality and economic autonomy: community production of organic vegetables grown by a group of women in Settlement Agrarian Reform Baeté – Barreiros - PE.

SANTOS, Lucas dos<sup>1</sup>; OLIVEIRA, Erivaldo Silva de<sup>2</sup>; MARQUES, Francisco Roberto de Sousa<sup>3</sup>; COSTA, José Ronaldo Medeiros <sup>3</sup>; MELLO, Marcelo Rodrigues Figueira de<sup>3</sup>.

1 Aluno do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, IFPE-Campus Barreiros, lucasba2012@hotmail.com; 2 Tecnólogo em Agroecologia- Bolsista do Núcleo de Estudos em Agroecologia, Agricultura Orgânica e Desenvolvimento Sustentável (NEADS), IFPE-Campus Barreiros, agrimusica@gmail.com; 3 Professores do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, IFPE-Campus Barreiros, roberto.marques@barreiros.ifpe.edu.br; ronaldo.costa@barreiros.ifpe.edu.br; marcelomello@barreiros.ifpe.edu.br

**Resumo**

A participação feminina na agricultura familiar representa um papel preponderante, pelos seus saberes, sensibilidade e capacidade produtiva. Este trabalho teve como objetivo avaliar o associativismo, a qualidade alimentar e a autonomia econômica de um grupo informal de 9 mulheres rurais do Assentamento Rural Baeté (Barreiros-PE), envolvidas no cultivo comunitário de hortaliças orgânicas. Esta experiência teve início em setembro de 2013, após realização de um Diagnóstico Rural Participativo (DRP) facilitado por alunos e professores do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do IFPE–Campus Barreiros. A metodologia utilizada foi a técnica da entrevista estruturada e semiestruturada com aplicação de questionários. Concluiu-se que: 88,9% das mulheres pertencem a Associação dos Agricultores do Assentamento Baeté; 100% consideraram importante o trabalho comunitário, que houve melhoria na convivência, na alimentação, na renda e na qualidade de vida com as atividades da horta orgânica.

**Palavras-chave:** Gênero; Metodologia Participativa; Extensão Rural.

**Abstract:** Female participation in family farming is an important role, for their knowledge, sensitivity and productive capacity. This work aimed to evaluate the associativism, food quality and the economic autonomy of an informal group of 9 rural women Rural Settlement Baeté (Barreiros-PE), involved in community cultivation of organic vegetables. This experience began in September 2013, after conducting a Participatory Rural Diagnosis (PRD) facilitated by students and teachers of Technology Course in Agroecology of IFPE-Campus Barreiros. The methodology used was the technique of structured and semi-structured interviews with questionnaires. It was concluded that: 88.9% of women belong to the Farmers' Association of Settlement Baeté; 100% considered important community work, there was improvement in living, diet, income and quality of life with the activities of the organic garden.

**Keywords:** Gender; Participatory Methodology; Rural Extension.



## **Introdução**

Antes invisível e considerado apenas como ajuda, hoje é notável um aumento da visibilidade do trabalho feminino na agricultura familiar. OLIVEIRA, et al., (2007), observaram que uma maior ocupação feminina ocorre nos menores estabelecimentos, identificados com a agricultura familiar, e sua maior participação relativa e absoluta ocorre como membros não remunerados da família e representam 33,58% do total ocupado nessa categoria.

Deste modo, as mulheres rurais que possuem um conjunto de saberes que envolvem sobretudo o desejo, as emoções e sensibilidade, estão cada vez mais envolvidas em ações que levam ao protagonismo na construção de novas formas coletivas de organização, pensadas para estabelecer um modelo de desenvolvimento baseado na sustentabilidade sócio ambiental e na igualdade de gênero (VEIGA NETO, 1996).

Entretanto, de acordo com BUTTO et al. (2014) se por um lado as mulheres rurais enfrentam uma relação de dupla dependência: a da própria condição da agricultura familiar em relação à sociedade, e como mulheres imersas em relações familiares patriarcais, em relação aos próprios maridos, pais e outras pessoas; por outro lado, segundo FERREIRA (2009), o trabalho rural comunitário, pautado no associativismo, pode ajudar as mulheres camponesas a construir maiores níveis de autonomia a partir do conhecimento, permitindo diminuir essas relações de dependência, e abrindo espaço para que conquistem o empoderamento. Nesse sentido, as experiências de emancipação sócio cultural, podem promover níveis crescentes de autonomia técnica e econômica, a revitalização de seus conhecimentos e sua segurança alimentar.

Segundo ABREU, et al., (2013), ao produzir alimentos para seu próprio consumo, o agricultor familiar garante uma segurança alimentar a sua família e também complementa sua renda com a comercialização do excedente da colheita, proporcionando à comunidade local maior acesso a alimentos de qualidade.

Dentre os alimentos provenientes da agricultura familiar se destacam as hortaliças, que geralmente são de crescimento rápido, cultivadas em pequenos espaços, podendo ser utilizadas para estimular um hábito alimentar mais saudável, principalmente em crianças. Promovendo também, benefícios nutricionais pelos seus teores de água, sais minerais e vitaminas.

O cultivo de hortaliças se dá em unidades produtivas denominadas de hortas, existindo diversos tipos: horta caseira, horta comercial, horta escolar e horta comunitária. Conforme ROSA e BELFORT (1995), hortas comunitárias são aquelas instaladas nas mediações das comunidades, que possuem relevante função para as



comunidades, pois os próprios moradores trabalham em coletividade produzindo hortaliças de forma adequada, as quais podem ser utilizadas para consumo próprio e o excedente comercializado em feiras nos municípios. Ainda com relação às hortas do tipo comunitária, de acordo com GOLYNSKY, et al. (2012), se destacam as orgânicas e as de base agroecológica, que permite que a população possa produzir em conjunto, alimentos saudáveis, ou seja, livre de contaminação química, assim podendo gerar atividades comerciais, educativas e sociais. Para VIEIRA et al. (2005) esse tipo de horta merece atenção especial principalmente em programas de desenvolvimento rural de pequenas propriedades agrícolas, como nos assentamentos da reforma agrária, pelo fato de privilegiar as práticas agroecológicas e poderem ser geridas por mulheres.

Diante do exposto, buscou-se neste trabalho avaliar o associativismo, a qualidade alimentar e a autonomia econômica de um grupo informal composto por 9 mulheres rurais do Assentamento Rural Baeté (Barreiros-PE), envolvidas no cultivo comunitário de hortaliças orgânicas, tendo a agroecologia como premissa norteadora das atividades produtivas.

### **Metodologia**

O Assentamento Rural Baeté fica localizado na zona rural do município de Barreiros-PE, Microrregião da Mata Sul Pernambucana. A experiência do grupo informal de 9 mulheres camponesas do assentamento, envolvidas no cultivo comunitário de hortaliças orgânicas, teve início em setembro de 2013, após realização de um Diagnóstico Rural Participativo (DRP) facilitado por alunos e professores do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do IFPE–Campus Barreiros. Para analisar as questões do associativismo, da qualidade alimentar e da autonomia econômica do grupo em estudo recorreu-se a pesquisa qualitativa. De acordo com BUTTO et al. (2014), esta metodologia têm sido instituída possibilitando, cada vez mais, captar *a forma de viver e produzir* das mulheres no meio rural. Então, seguindo estes autores, na coleta de dados, foi utilizada a técnica da entrevista estruturada e semi-estruturada com aplicação de questionário e para análise dos dados foi utilizada a estatística descritiva.

### **Resultados e discussões**

De acordo com a Tabela 1, das 9 mulheres rurais pesquisadas envolvidas no cultivo comunitário de hortaliças orgânicas, oito mulheres (88,9%) informaram que pertencem a uma associação do assentamento, isto é considerado um avanço positivo, pois segundo Kato e Hamasaki (2008), em seus estudos nos final da primeira década do novo milênio nos assentamentos da zona da mata pernambucana, concluíram que, que embora 45,8% dos assentados já tenham trabalhado em sistema de cooperativas e ou associação, mais de 60% não tinham conhecimento sobre a forma de funcionamento de cooperativas e ou associação,



suas vantagens e o que é necessário para sua formação; porém, 75% alegaram achar importante a constituição de uma para obter melhores recursos para dentro do assentamento; então, neste nosso estudo, observou-se um progresso nesta questão ao se constatar que 100% das mulheres entrevistadas consideram importante o trabalho comunitário e quando indagadas sobre a importância da participação na associação, entre os motivos citados estão: a importância do trabalho coletivo, o fortalecimento da luta das mulheres, o acesso às informações e ao financiamento, a confiança nas pessoas e a facilidade para acessar a aposentadoria.

As 9 mulheres rurais (100%) concordaram na questão : “ É importante o trabalho comunitário?”. Essa visão é positiva para reconhecer outras atividades realizadas por elas, além do trabalho doméstico, que têm pouca visibilidade e ainda resultam na ampliação da jornada de trabalho. Neste sentido, no trabalho comunitário, se constata uma otimização do tempo, sendo utilizado também, nas atividades rotineiras do grupo na horta comunitária como espaço coletivo de informação e conhecimento de políticas públicas ou de acesso às mesmas, como as citadas por BUTTO et al (2014), do acesso à água e às fontes de energia e também que promovam sua valorização social (consideração do saber e das tecnologias desenvolvidas pelas mulheres).

**Tabela 1.** Questionário binário (sim, não) sobre alguns indicadores qualitativos de um grupo de mulheres rurais pertencentes a Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Assentamento Baeté, envolvidas no cultivo comunitário de hortaliças orgânicas. Barreiros-PE, 2015.

Grupo de Mulheres	Pertence a Associação do Assentamento?		É importante o trabalho comunitário?		Houve melhoria na alimentação?		Houve melhoria na renda?		Houve melhoria na qualidade de vida?	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
1. Abilene	x	-	x	-	x	-	x	-	x	-
2. Ana Kelly	x	-	x	-	x	-	x	-	x	-
3. Enália	-	x	x	-	x	-	x	-	x	-
4. Lucicleide	x	-	x	-	x	-	x	-	x	-
5. M <sup>a</sup> . Edna	x	-	x	-	x	-	x	-	x	-
6. M <sup>a</sup> . Socorro	x	-	x	-	x	-	x	-	x	-
7. M <sup>a</sup> . José	x	-	x	-	x	-	x	-	x	-
8. M <sup>a</sup> . Suely	x	-	x	-	x	-	x	-	x	-
9. Wilma	x	-	x	-	x	-	x	-	x	-
Total	8	1	9	0	9	0	9	0	9	0
%	88,9	11,1	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0	100,0	0,0

Ainda com relação a Tabela 1, nas questões “Houve melhoria na alimentação?”, “Houve melhoria na renda?” e “Houve melhoria na qualidade de vida?”, que estão interligadas, todas responderam positivamente. Isto indica que houveram mudanças em suas vidas após o trabalho produtivo realizado na horta comunitária, tendo a





agroecologia como matriz tecnológica, o que refletiu tanto em suas casas quanto em sua comunidade, atingindo uma legitimidade social como agentes capazes de transformar suas vidas e a sociedade. Além do mais, após as ações do projeto, o grupo passou a acessar políticas públicas, entre outras capacitações pelo PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego, bem como a participar de feiras locais. Então, de uma realidade que parecia limitada, elas conseguiram desenvolver um conjunto de práticas hoje reconhecidas como importantes não só para garantir a alimentação e boa parte do sustento das famílias, mas também para a garantia de uma boa biodiversidade e qualidade de vida.

### **Conclusões**

Das 9 mulheres envolvidas no cultivo comunitário de hortaliças, 88,9% pertencem a Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Assentamento Baeté; 100% consideraram importante o trabalho comunitário, que houve melhoria na convivência, na alimentação, na renda e na qualidade de vida, tendo a agroecologia como premissa norteadora das atividades produtivas.

### **Referências bibliográficas:**

- ABREU, M. J., TRIVELLA, R. B. B., MELO, L. G., CORDEIRO, A., MAESTRI, J. C. Horta Comunitária Vida Nova - Relatos Agroecológicos em Espaços Urbanos. **Cadernos de Agroecologia** – ISSN 2236-7934 – Vol 8, No. 2, Nov 2013.
- BUTTO, A. FARIA, N.; HORA, K.; DANTAS, C NOBRE, M. **Mulheres rurais e autonomia : formação e articulação para efetivar políticas públicas nos Territórios da Cidadania**. Brasília : Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2014.132 p.
- FERREIRA, A. P. L. A Importância da Perspectiva Agroecológica no Empoderamento das Mulheres Camponesas: Processo Mulheres e Agroecologia como Estudo de Caso. **Rev. Bras. de Agroecologia**. Vol. 4, N. 2. 2009.
- GOLYNSKY, A A; CAMPOS C. M; LIZARDO, T. A; P. A. E. JUNIOR, R. C; FERNANDES, K. R; OLIVEIRA, D. S; BASÍLIO, E. E; GUIMARÃES, A. J. S. 2012. Capacitação de Agricultores para implantação de Hortas Comunitárias em quilombolas e assentamentos. **Horticultura Brasileira**. 30: S932-S936.
- KATO, R.; HAMASAKI, C. S. **Avaliação do Processo de Reforma Agrária na Zona da Mata de Pernambuco: sucessos e insucessos das experiências dos assentamentos**. In: XLV CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL-SOBER, Londrina: SOBER, 2008 14p.
- OLIVEIRA, P. R. C., LELIS, C. T., SILVA, K. A., VIEIRA, T. B., LORETO, M. D. S. **Agricultura familiar e as relações de gênero: um estudo da trajetória da mulher na agricultura familiar**. Disponível em: [http://correio.fdvmg.edu.br/downloads/SemanaAcademica2007/Anais\\_Artigos/Agricultura\\_Familiar.pdf](http://correio.fdvmg.edu.br/downloads/SemanaAcademica2007/Anais_Artigos/Agricultura_Familiar.pdf). Acessado em: 12/05/2014.



ROSA, L. C. S.; BELFORT, C. C. Da participação induzida à participação construída nas hortas comunitárias (HC) em Teresina. **In:** ENCONTRO DE PESQUISADORES, 1, 1995, Teresina, Resumos...Teresina, UFPI- Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/Coordenação de Informação em Ciência e Tecnologia, 1995.

VEIGA NETO, A. J. Currículo, disciplina e interdisciplinaridade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas -SP, v. 17, n.2, p. 128-37, 1996. Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_26\\_p105-119\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_26_p105-119_c.pdf). Acesso em: 12/05/2014.